

Bando Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1929

pelo quintanista do Liceu Martins Sarmiento

Luis Mendes Lopes Cardoso

A' memória dos saudosos Mestres Dr. Manuel de Jesus Pimenta e Dr. Pedro Gonçalves Sanches.

Schitu... Nicolau quer paz! Quer a maior brandura
Na arte de rufar! Fazê-lo com doçura,
Com mimo, semelhando a marcha de Chopin...
E tocado em surdina o hino do pregão,
Saibamos recordar os bons Mestres antigos
Que várias gerações tiveram por amigos;
Mestres que em sua vida, atentos à instrução,
Ensinaram o bem e honraram a Nação.
Nas formas ideais, fluidicas, da Verdade,
Voára a sua alma até à Eternidade
Irradiando o trabalho, em luminosa esteira,
Que dir-se-ia o fanal para a nossa canceira
No decorrer da vida — o vivo cemitério
Mais negro que a noite a resumbrar mistério!
Recordêmo-los, pois, na sua Santidade
Fazendo reviver a dôr duma Saíidade.

As sombras colossais, no aspecto scismador,
Passam diante de nós sem provocar horror.
Podridão tumular, sinistra, fantasiosa,
Mas com aroma tal, iguafando o da rosa!
Matéria a decompor-se, e o vento a levará...
Matéria que se move e desabrochará
Em quimera, ilusão, ondulantes, fagueiras...
Húmus, pús e terriço — as rev'lações ligeiras
Afogadas em pó; os sonhos de Grandeza
Desfeitos; — maravilha aberta à Incerteza
Onde átomos sem fim, raros, interessantes,
Prenhes de vida são, espelham, flagrantes,
Este trabalho insano: a lida formidável
De servir de pospasto ao verme insaciável.

Moços, viva o respeito! É justa a homenagem.
Curvemo-nos perante êsses Mestres queridos,
Que imaginamos ver, numa doce miragem,
Presos à lei da morte e da vida vencidos!

Mas atendei, agora! «Isto é p'ros teus bigodes».
O' sociedade vil que desdenhar não podes
Da Guimarães velhinha! Houve certos momentos
Em que alguns filhos teus, rev'lando maus intentos,
Viram a bancarrota em suas algibeiras;
E quiseram provar, mesmo à força de asneiras,
Que a marcha progressiva, acelerada e forte
Desta fidalga terra, apresentava um norte,
Um rumo mui diferente ao que devia ter,
Com um desvio tal onde fôsse mister.
Moveu-se o retrocesso, e pondo-se em escala,
Tudo, tudo parou... Nem sei a que se iguala
Este torrão querido, arrasado na Treva!
Já nem de Portugal pode ser a mãe Eva!
... Totalmente despida, a parra sem verdura,
E' vê-la saturnal, sem qualquer formosura:
Cabelo em desalinho, e de olheiras profundas,
Tendo as unhas das mãos tão sujas, tão imundas,
Que lembra a colareja impúdica e bacante
A leiloar o corpo ao primeiro tunante
Que passe junto a si. Nada há que a enfeite,
Embora se lhe imponha o tal: «chega-lhe azeite».
Mas o destino amigo, ao par do que havia,
Envolveu-a na luz duma nova alegria.
Chamou-lhe sua qu'rida, e prometeu salvá-la
Desde que a sua «crença» — incapaz de inflamá-la
E de a prejudicar, — fôsse a denegação
Da sua vida má, digna de ter perdão.
E assim, p'ra lhe arrancar aquele ar primitivo
Com que se apresentava, inventou o «motivo»
Do Passado apagar. De forma muito humana,
Largas dando ao amor que do peito lhe dimana,
Sem mais aquelas disse a um dos seus vassalos:
— «Escravo, o teu senhor (porque sofre dos calos)
Não pode ir à cidade abrir-se ao seu desejo.
Ordena-te que vás! Tomarás este ensejo
De entrares na Casa «High-Life», e ali, preguntares
Quem é o Simão «Córado», e se tu o encontrares,
Dir-lhe-hás p'ra me mandar, quando tenha ocasião,
O Zé «Sopas»-barbeiro. Ele é um sabichão
Que sabe do artigo e conhece da poda,
Pois é barbeiro *chic*, o enlévo d'alta-roda.
Depois segues adiante, e irás às «Novidades»
Por bom preço comprar tôdas as curiosidades
Que lá tenham à venda. E vais mais ao Pavão
— Costureiro de Fama — inquirir da razão
Por quanto confecciona um formoso vestido
Que a moral não ofenda, e tenha de comprido
Três palmos, pouco mais.

E alegre, e satisfeito,
Por tão bem discorrer, com um leve tregeito,

Um calor de brazeiro a tomar-lhe a cabeça,
Inundou-A de sol, fazendo esta promessa:
«Vem cá ó meu amor! O que é velho p'ra ti
Para mim é bem novo, e jámais eu ouvi
Exprimir coisa alguma, inconsistente e vaga,
Que diga que o amor de repente se apaga
Sempre perdurará, assucarado e meigo,
Muito embora de mim queiram fazer um leigo
Que para amar alguém a pobre alma cedeu...
¿Quem sabe quanto tempo a dúvida viveu,
Sem que a devassidão de todo nela entrasse?
Depois, nenhum direito a que se renegasse
Esta grande vontade, a confissão de amor
Que 'nda há pouco te fiz com todo o meu ardor!
Já não és Messalina ou a mulher perdida
De quem se faça pouco! A mulher fementida
Que viveu no serralho! Hoje tens protecção.
Basta que o teu cabelo, aparado à «ninin»,
Dê azo a um chapéu, dos que a moda impõe...
Ora imagina tu, assim mesmo supõe
Que bem encadernada, a público virias!?
Ai, filha! Meu amor! Que vontade terias
De esquecer o teu nome e dar's também ingresso
Nessa coisa lib'ral a que chamam Progresso!
Eu sei que é grande a «cliz» (que ninguém o contesta)
Mas mesmo sem pensar, ou batendo na testa,
Distinguirás o rial do que é mero engano:
¿Não tens um regimento? ¿o sexto e sétimo ano?
¿O que te importa isso? Eu, se assim o quizeres,
Ensinar-te-hei a ler e farei «pé d'alferes»...
Crê que nada me custa ou gera a confusão...
O amor resolverá tôda e qualquer questão...»

O' monstros da soberba e que sois velhos tontos!
Ai que bom! ai que bom! Os quatrocentos contos?!
Guimarães tem dinheiro a rodos, não deseja
Que os de fora lhe dêem o que não lhes sobeja...

E vós damas gentis, a quem nós mais queremos!
E' de uso e de costume, e consoante sabemos,
Romanzas vos cantar e mais nébias d'amor,
Que sejam gritos d'alma — o dulcificador
E sab'roso elixir que o Doutor Fausto inventa,
Muito mais eficaz que a água de Juventa!
Senhoras, perdoai! A culpa não é nossa.
Também vós bem sabeis que nunca nos fez mozza
O dizer-vos a sério o que dentro do peito
Sentimos. A paixão é o *truc* mais perfeito
Que o «modernismo» usa afim de traduzir
Aquele sentimento... alto que no porvir
Traz só felicidade à despida algibeira
Que até aí, por ceitil, demonstrava canseira.

Senhoras, perdoai! A culpa não é nossa.
E agora, isto é p'ra ti (vê bem que não há troça),
O' sopeira louça, rival das açucenas!
Eu quereria ter as minhas mãos pequenas,
Leves como uma pena, a pele assetinada,
P'ra irem remexer (sem te tornar «magoadá»)
Os arcanos do peito. Almejava saber
Se preferes o futrica àquilo que eu te der,
Isto é, a peneirice à nossa capa preta.
Vê lá, não sejas tola! Eles têm boa treta
P'ra vos levar no conto. As meias que t'of'recem
Pagam-nas os patrões. Ai, se eles o soubessem
Que *tratos de polê* por aí se veriam!...
Muitas contas a dar, decerto, eles teriam!
Ao contrário, cá nós, que somos uns doutores
Em doenças de peito, autênticos condores
Que os «Andes» da ciência, em vôo, ultrapassamos,
Se nos tendes amor, p'la «perna» o avaliamos.
Deixai, deixai falar... Um amor «puxavante»,
Que vos entusiasme, é só o do 'studante!

Amigos, atenção! Acabe-se a «laracha»
E tôda a demais treta. Hav'rá quem nos escacha
Se tentarmos deitar os cornoinhos de fora...
Aqui, só Nicolau é o «santo» que se adora...
Tratemos de escapar a um voraz tuíão,
De novo entoando o hino do pregão!
O' mocidade louca! ó dóida mocidade!
Abafemos dum rufo o rumor da cidade!

L. Coelho.